

Redol e o futuro que sempre começa atrás

João Carlos Louçã^{1*}

Entre o ano do início europeu da pandemia de COVID 19 e o período em que Alves Redol viveu e escreveu, passou tanto ou mais, do que o tempo passado entre o início do século que viu a República nascer e o do escritor ribatejano que escreveu sobre a vida e o trabalho que com ela se confundia. O tempo é um estranho próximo, que se observa em camadas projetadas a partir de um ponto de observação em constante movimento, com a pessoa que o observa no seu centro e, por aí estar, nem sempre repara que também ela se move. Nos buracos negros do espaço infinito intuimos que o tempo desaparece naquilo que chamamos relatividade. Vemos planetas ou estrelas no seu brilho consistente que já não existem há muito tempo – centenas ou milhares de anos. Einstein, o estudante medíocre que foi uma das personagens geniais do século XX, dessacralizou tempo e espaço e ao fazê-lo tornou a civilização um pormenor ínfimo na vida do planeta, e este por sua vez, um ponto minúsculo do Universo que nunca conseguiremos alcançar ou entender na sua dimensão absoluta. Esta espalha-se no espaço e no tempo, ou melhor dizendo, nos tempos. Entre a Filosofia e a Astrofísica podemos recolher elementos que permitam contemplar aquilo que nunca compreenderemos na sua plenitude: o tempo dos homens e das mulheres, das sociedades e dos seus turbulentos desafios, da vida que começa e acaba com sucessivas promessas, com desilusões e conquistas, com alegrias e enormes feitos. Ou ainda considerar, como fez Bento de Jesus Caraça, em artigo escrito para o jornal *O Diabo* de 31 de dezembro de 1938, ao comentar a obra *A Evolução da Física* de Einstein e Leopold Infeld, admitir

a ideia audaciosa e fecunda de que apesar da crença na aproximação cada vez maior das explicações racionais à realidade, não se pode estar seguro, não só de que estas explicações sejam exactas, como, mesmo, de que exista a possibilidade de vir alguma vez a obter-se uma explicação exacta da realidade.²

A realidade, como as estrelas, é sempre uma quimera inacessível. Olhá-la com olhos despidos de preconceitos aprioristicamente concebidos, é condição de racionalidade e por isso de progresso, o compromisso estabelecido com o tempo que virá.

Rejeitar os finais anunciados nestes tempos em que o «fim da história» foi só uma etapa do conflito de classes, foi o objetivo declarado de Paula Godinho no seu livro *O Futuro é Para Sempre*. Nele, a antropóloga parte «em busca de práticas possíveis a partir dos quais os seres humanos

¹ Antropólogo, investigador no Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta.

² Bento de Jesus Caraça, *Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, Editorial Minerva, 1970, p. 260.

delineiam futuros»³, com exemplos etnográficos assentes no seu percurso de investigadora, traça uma linha essencial para a antropologia e a sua implicação com o mundo: é na força material das ideias que assentam as práticas possíveis e estas existem muito além das aparências e bem mais significativas do que aquelas que são visíveis na aparência da hegemonia do capitalismo tardio e da sua ideologia dominante..

Alves Redol escreveu sempre sobre o tempo em que viveu, mesmo quando esse tempo se projetava décadas para trás - pormenor numa escrita que procurava abarcar o mundo a partir das pessoas que eram as suas deserdadas, as classes populares que lutavam cada dia pela vida e subsistência, que viviam do seu trabalho e com ele se confundiam, que traçavam os caminhos de luta de quem nada tem a perder a não ser a sua condição subalterna. Nesses retratos que a literatura de Redol nos deixou, estão os conflitos e os desejos, as aspirações profundas, as pequenas e grandes traições através das suas personagens. Nelas vive a carne e os ossos de heróis e heroínas sem lugar na história mas que transportam consigo a promessa de um futuro melhor, o desejo trasbordante de quem não se resigna à sua situação. Personagens construídas a partir de um impulso etnográfico que levou o escritor a viver períodos significativos nos contextos que resolveu conhecer e investigar para saber o que escrever e como. Foi assim com pescadores da Nazaré e do rio Tejo, com os trabalhadores do transporte do rio Douro, com os jornaleiros e assalariados rurais do Douro e Ribatejo, com as mulheres e operariado de Lisboa, com os refugiados durante a II Guerra Mundial. O olhar atento de Redol era mais que um olhar, era saber incluir-se e saber ouvir os outros, saber partilhar com eles momentos de lazer e de trabalho, saber que nestas vidas vividas a partir das muitas necessidades estava o filão da sua literatura, que era nelas que estavam as palavras que lhe interessavam escrever. Palavras que, podemos adivinhar, eram o seu contributo para um mundo mais justo a partir do país onde vivia e sobre o qual escreveu.

Comunista militante em tempos de ditadura fascista, Redol conhecia forçosamente a realidade do mundo no pós-guerra, a guerra que lhe sucedeu e a que se convencionou chamar de «fria», mesmo quando a temperatura subiu aos infernos no Sudoeste asiático e na África que se liberava dos impérios coloniais, ou na América latina onde o poderoso vizinho do norte garantia ditaduras e desfazia todos os processos de soberania democrática. Desse mundo em ebulição, o escritor elegeu sempre a proximidade nacional como território para as suas histórias, as classes populares como protagonistas principais, os acontecimentos marcantes a partir das vidas comuns, personagens cheias de defeitos e contradições mas com a capacidade de construir possibilidades luminosas a partir das suas difíceis existências.

Garcez da Silva, companheiro de Redol no grupo Neo-Realista de Vila Franca de Xira inclui

³ Paula Godinho, *O Futuro é Para Sempre*, Lisboa, Letra Livre, 2017, p. 20

John Steinbeck entre os autores cujas obras circulavam entre eles. Assim como Gorki, John dos Passos, Gladkov, Romain Rolland.⁴ O autor californiano tinha publicado *Vinhas da Ira* em 1939 onde retratou a saga épica da família Joad, empobrecida pela Grande Depressão dos anos 30 em que os pequenos agricultores do Oklahoma tendo perdido as suas terras, migraram massivamente para a Califórnia, através mítica estrada 66, na expectativa de aí trabalharem na apanha de fruta. Steinbeck, jornalista de profissão, quis que o seu livro fosse uma denúncia enérgica das condições terríveis da vida destas pessoas, do capitalismo em tempos de mecanização da agricultura e das consequências trágicas da financeirização da economia agrícola. Confessa que em *Vinhas da Ira* está a «escrever história enquanto esta acontece»⁵ e que sempre que existirem homens acorados a falarem de como perderam as suas terras os poderosos do mundo devem tremer, é que «é aí que começa a transição do eu para o nós»⁶ é aí que a consciência da força coletiva ganha fundamento e as greves se podem tornar ferozes e definitivas. Como Steinbeck, Redol inscreve-se nesse movimento literário que percorreu todos os continentes e para o qual o compromisso com a realidade dos mais pobres se transforma insistentemente em tema das suas obras. A literatura como ferramenta para a transformação social através da capacidade revolucionária das classes que nada têm além da sua força de trabalho..

Na edição de 1986 de *Os Reinegros*, a casa editorial fornece na capa um comentário de Urbano Tavares Rodrigues ao texto de Redol: «Um romance forte e lúcido de um rigoroso historiador da vida privada da época»⁷. O escritor, na pena de um outro, torna-se assim e com justiça, historiador, desse tipo de historiadores atentos à vida das sociedades através das suas classes mais desfavorecidas, das pessoas anónimas e normalmente ausentes na epopeia das nações e da construção dos estados modernos que a história costuma relatar. Historiador dos sem-história, daquelas pessoas que são apenas massa nos registos demográficos e turba nos momentos de conflito. No texto de Redol, essa massa é decomposta e ganha rostos, corpo e lágrimas, através das personagens construídas com o cuidado do historiador e o talento do romancista.

Os Reinegros foi romance escrito em 1945, no mesmo ano em que terminava a guerra mundial, a segunda com esse título e também a segunda que Redol viveu. Escassos seis anos depois da primeira edição de *Vinhas da Ira*. A sua primeira publicação em 1972, três anos após a morte do

⁴ Antony Cardoso Bezerra, “John Steinbeck e Alves Redol: Caminhos que se Tocam na Obra de Dois Escritores”, *Nova Síntese - Neo-Realismo Português e Realismo no Mundo*, Colibri, 2020, p. 101-118.

⁵ Citação de John Steinbeck incluída no documentário *The Grapes of Wrath – the ghost of modern America*, realizado por Priscilla Pizzato, produzido por Muriel Meynard, uma coprodução Arte France, 2019. Disponível em <https://www.rtp.pt/play/p7914/e502339/the-grapes-of-wrath-the-ghost-of-modern-america> acesso em 29 de outubro 2020

⁶ Idem

⁷ Alves Redol, *Os Reinegros*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1986.

seu autor, aconteceu sem a revisão final de Redol que tinha o texto posto de lado, convicto que a censura do Estado Novo não permitiria a sua publicação. E essa será talvez uma questão a colocar ainda que a sua resposta seja improvável: no ano em que a Europa vivia a euforia da vitória aliada sobre o nazi-fascismo, em que Salazar abanava na cadeira do poder, manobrando velhas alianças e fazendo esquecer a cumplicidade ativa com o Reich nos primeiros anos de guerra, em que grande parte da oposição acalentava a convicção de que o regime do Estado Novo não sobreviveria à recomposição política na Europa uma vez derrotado Hitler e Mussolini, estaria a censura atenta ao romance de Redol passado entre os anos de implantação da República e os da guerra mundial anterior aquela que então terminava? A resposta, incerta, é que o autor guardou o manuscrito sem publicação – te-la-à tentado? - e só postumamente é que o texto foi impresso e dado a conhecer ao público, já nos momentos finais do regime.

Desse momento de escrita que coincidiu com o final da guerra e a enorme expectativa que este gerou para a evolução da situação em Portugal, não conseguimos identificar esses momentos de alegria coletiva que Marc Augé nos fala, quando nas ruas de Paris se assobiavam canções a propósito de nada e que os sorrisos estampados nas caras de quem se cruzava nas ruas (não só de Paris) eram o sinal de que as pequenas alegrias significavam enormes mudanças e que o futuro voltava a abrir-se a múltiplas possibilidades⁸. Por cá, a expectativa esperçada não chegou para vencer o medo e muito menos o regime. A censura continuava a fazer o seu rol de vítimas na literatura, na liberdade de informação, nas artes e na dignidade perdida de uma cultura amestrada para conveniência autoritária do regime. O romance de Redol fechado na gaveta é disso um doloroso exemplo.

Poder lê-lo no ano da pandemia de Covid 19 é prova de que as derrotas nunca são eternas e que as ideias sobrevivem à mais dura repressão, à censura mais tacanha, aos regimes mais absurdos. Tem razão Edward Saïd, o intelectual palestino que nas suas reflexões sobre o exílio atribui às causas perdidas a força necessária para que a esperança permaneça intacta. É a sua própria capacidade de se olhar no centro de um processo político repleto de causas perdidas (onde a questão da ocupação da Palestina é a mais relevante) que o faz optar por formas de resistência individual perante os becos sem saída e as derrotas anunciadas. A intransigência do pensador individual é o sinal da esperança capaz de resistir e manter o desafio face à hegemonia das lógicas vitoriosas, contrapondo-a com o silêncio dos «ativistas derrotados»⁹.

Nas palavras escritas, as personagens da história de Redol, no seu enredo situado nos primeiros anos do século, os últimos da monarquia constitucional e os primeiros da República que

⁸ Marc Augé, *Las Pequeñas Alegrías. La Felicidad del Instante*, Barcelona, Ático de los Libros, 2019

⁹ Edward W. Saïd, *Reflexiones Sobre el Exilio*, Barcelona, Debolsillo, 2013, p.511

então se inaugurava, circulam ainda nesta segunda década do século XXI e, em grande medida, mantêm incólume o seu vigor e a capacidade de transportar os leitores para o tempo da narrativa. Neste triunfo póstumo, Redol é uma figura maior, através do que escreveu e de como o fez, pelos temas que tratou, sempre com a sensibilidade do artista e a densidade do etnógrafo.

Os Reinegros retrata a história de uma família de baixa condição em que a luta pela sobrevivência do dia-a-dia não fica resolvida com a instauração da República. As condições materiais da existência de Alfredo e Júlia, mais tarde dos três filhos que geraram, também dos seus vizinhos de um bairro popular de Lisboa, pouco se alteraram com as promessas não cumpridas da República e dos seus dignatários. Mas acompanhamos como essas promessas iludiram Alfredo com a desilusão que lhe sucedeu e a revolta que o leva a procurar outros caminhos de luta. Porque a luta é o que lhe resta, mesmo quando a família se desfaz e o trabalho nunca chega para garantir os mínimos para a sobrevivência dos seus. Alfredo é funcionário de um armazém, depois decarregou barcos no porto e depois ainda trabalhador da construção civil. Os trabalhos sucedem-se entre tempos de desemprego e desespero enquanto Júlia lava e passa roupa a ferro, limpa casas burguesas para conseguir pagar a ama do filho, as papas de pão migado que substituem o leite materno. No momento de alegria pela vitória republicana, o navio inglês perante a agitação política, lembrava com a ameaça das armas que os interesses económicos do capital britânico não poderiam ser beliscados pela República. Os revolucionários de ontem transformavam-se nos dignatários do novo regime à procura de apaziguar o povo com palavras e promessas e muito poucas medidas concretas. Tudo isso encontramos no romance de Alves Redol, numa tecedura cuidadosa em crescendo dramático em torno da saga familiar de Alfredo e Júlia Reinegro.

Mulheres em primeiro plano

Voltando à edição das Publicações Europa-América, o editor resume na contracapa:

«O inconformismo do homem, que, liberto do círculo de ferro do fatalismo, se recusa a ser escravo e se rebela contra a servidão.

Este inconformismo é personificado pela figura central do romance, um trabalhador inculto que, embora incapaz de formulações ideológicas claras, adquiriu a percepção do seu direito a algo diferente e melhor, a consciência da sua vocação de homem».

Admitindo que a referência no primeiro parágrafo ao «homem» pode corresponder ao masculino universal, aquele que, mesmo sendo estranho nos dias de hoje, corresponde a uma forma de escrever e de falar que reflete uma sociedade (a dos anos 1980) onde a ideia de igualdade de géneros estava distante e o patriarcado se fazia sentir em muito mais do que na linguagem. Mesmo com esta advertência o parágrafo seguinte turva a justificação. Ao identificar na figura de Alfredo «a figura central do romance» o editor opta por negar, neste seu resumo, a importância da figura de

Júlia e o próprio plural no título escolhido pelo autor. *Os Reinegros* é a história de Júlia e de Alfredo, da sua relação e das suas vidas, dos sonhos de ambos e das dificuldades que os dois personagens passaram em Lisboa, num tempo que foi o dos primeiros anos do século XX. Não escapará a quem ler o romance que Júlia é bem mais retratada por Redol do que Alfredo, nas suas dimensões psicológicas e sociais, nas suas dúvidas e anseios, no seu quotidiano de trabalho e na relação com a vizinhança do bairro. Na verdade, o texto de *Os Reinegros* trata mais de Júlia do que de Alfredo, sendo esta que no seu momento quase final, depois de anos distanciada e desconfiada da atividade política do companheiro, assume um papel de liderança da revolta popular por pão e dignidade. Nesta contracapa o editor não fez justiça ao seu autor nem ao texto que editou, muito menos à intensidade da personagem de Júlia, a heroína imperfeita e absolutamente central do romance de Redol.

São aliás as personagens secundárias em *Os Reinegros* essencialmente femininas. São as vizinhas que com Júlia partilham os espaços de sociabilidade e conflito do bairro lisboeta onde vive o casal. É a velha burguesa empobrecida com a sua filha costureira, amiga e rival de Júlia perante a projeção do desejo sexual no jovem Tonecas. É Luísa, a mãe do rapaz, que bebia e cantava pela rua, que frequentemente encontrava companhia masculina que trazia para casa, sendo objeto de escárnio dos jovens e das regras repressivas sobre a moral e os costumes. Luísa usava três chapéus, a única coisa que tinha guardado dos homens com quem viveu e por quem foi abandonada. Mulher sozinha com dois filhos, o emprego na fábrica também não pôde durar e no tempo do romance incarnava a mulher perdida, sem homem e sem rumo, mas com a dignidade de uma história de sofrimento em que o amor e proteção do filho adolescente a faziam ascender na relevância da narrativa.

Tem razão Urbano Tavares Rodrigues quando imputa a Redol a tarefa de historiador rigoroso da vida privada. Como não pode deixar de ser, na Lisboa do início dos anos 1900, essa história tem no seu centro as mulheres, mesmo quando estas trabalhavam já fora de casa, nas fábricas e oficinas, nos serviços domésticos, até já algumas nos serviços públicos. A casa da família era o território por excelência das mulheres, na gestão dos recursos familiares e na educação dos filhos, eram tarefas quase exclusivamente femininas. E Redol fez justiça a essa realidade na caracterização das suas personagens em *Os Reinegros* tendo em Júlia um exemplo maior da vida, sofrimento e aspirações de uma mulher que, apesar de todos os seus impasses e dúvidas, nunca se conformou.

Na representação cultural das mulheres que o neo-realismo sugere, Redol é sem dúvida o autor

que expõe com maior autenticidade o desejo da mulher: a ceifeira de olho azul (*Gaibéus*), Gracinda (*Vindima de Sangue*), Mariana (*Barca de Sete Lemes*) tomando a iniciativa de seduzir Alcides, o desejo de Aida (*Os Reinegros*), olhando os rapazes pela janela e atraindo Tonecas, a nostalgia de Júlia (*Os Reinegros*)

pelo seu sedutor pelo qual trai o marido¹⁰.

O «homem novo» do ideal comunista na escrita redoliana tem as mulheres num primeiro plano, já não enquanto dóceis esposas e mães, companheiras submissas, mas seres de corpo inteiro e com agência própria. A violência sobre as mulheres dentro do casal, bem presente no texto de Redol, marca a fronteira da intimidade e da confiança perdida, banal junto das vizinhas, mas dramática entre Júlia e Alfredo.

Do outro lado do Atlântico, na fábrica têxtil Lawrence do Massachusetts, em 1912, um greve de três meses de duração levada a cabo pelas trabalhadoras, emigrantes na sua larga maioria, deixou para o futuro movimento feminista um dos seus lemas mais inspirados: «Queremos pão, mas também queremos rosas!». Com ele, as operárias em luta marcaram um tempo em que a condição económica, a reivindicação imediata por condições de trabalho e salário não deixava de incluir a aspiração a poder usufruir da beleza do mundo, a poder fazer parte desse mundo que se imaginava muito além da exploração e da discriminação diárias contra as quais lutavam e se mobilizavam. Na articulação das personagens femininas do romance de Alves Redol vivem também as mesmas aspirações, as de justiça social e dignidade, de paz e de bem estar numa projeção de futuro bem mais complexa do que que aquela que podemos registar através dos personagens masculinos do romance.

Redol escreveu ainda com insistência a propósito do desejo e sexualidade de Júlia, mas também da sua tímida vizinha costureira, da Luísa dos chapéus. Elas sonhavam e desejavam, escolhiam parceiros sexuais e decidiam abortar ou não quando grávidas, reagiam ao assédio e assombravam libidos alheias. Esta visão do escritor nos anos 40 do século passado quando escreveu esta obra, não podia deixar de se constituir como um enorme desafio ao país temeroso da moral sexual católica. Notemos que a afirmação das mulheres enquanto seres com autonomia e desejo sexual, se situa nas décadas de 1960/70, bem depois do momento em que Redol descreveu Júlia e as suas vizinhas. Esse terá sido, provavelmente, um dos argumentos que afastou o seu texto das hipóteses de publicação no país censurado de então. É certamente um dos elementos que faz este texto de Redol projetar-se sobre o futuro.

Lisboa a cidade-mundo

A cidade onde o romance se desenrola é espaço/mundo onde a família de Júlia e Alfredo Reinegro agem e sonham com dias melhores. É a cidade que é argamassa da escrita de Redol, que

¹⁰ Helena Neves, “Redol – Mulheres de um Tempo Ido”, *Alves Redol, O Olhar das Ciências Sociais* (coord. Paula Godinho e António Mota Redol), Lisboa, Colibri, 2014, p. 107

tanto escreveu sobre o campo e quem nele trabalha. É na cidade que o rei é morto e que os regicidas são aclamados pelo povo, é a cidade que fervilha de emoção com a República e depois expressa a desilusão que esta provoca. Para quem conhece Lisboa, os espaços da narrativa são familiares e nessa familiaridade o romance também encontra leitores futuros, projeta-se e adquire substância.

Mas também é dessa Lisboa que partem os barcos no seu porto, levando os homens e mulheres que resolveram tentar a sorte noutras paragens bem mais distantes. No tempo do romance, é a emigração para o Brasil que dizimou a classe trabalhadora, que dividiu famílias e amizades que quebrou cadeias de luta. É o fado triste do país periférico e semi-dependente, da industrialização tímida, do campo esvaziado de braços e condições, de todas as promessas de modernidade que parece que ficaram sempre por cumprir, apesar das elites obedientes ao capital estrangeiro (ou talvez por isso mesmo), apesar do capitalismo triunfante que aqui quase sempre teve uma base segura, plataforma final da Europa a espreitar o novo mundo.

Para o Brasil, Estados Unidos e Argentina partiram, só em 1912, 88.929 pessoas. Entre 1890 e 1940 saíram de Portugal 1.200.000 emigrantes, na sua grande maioria originários do Norte do país. Lisboa, com os seus cerca de meio milhão de habitantes (1 em cada 11 da população nacional em 1920) era uma cidade saturada de migrantes que ali tentavam a sua sorte: do Algarve e do Alentejo, do Norte do país, da região saloia mas também da Galiza de onde veio um significativo contingente de imigrantes que deixaram uma marca profunda na cidade através dos pequenos comércios que alguns conseguiram estabelecer. Seria no início do século passado, uma urbe essencialmente de serviços e comércio. Quem trabalhava na indústria fazia-o sobretudo em pequenas oficinas de artesãos, a maioria da população tinha o seu sustento nos «serviços domésticos» e o número de «improdutivos» era elevado ¹¹.

No romance de Redol, o protagonista também tem também lugar marcado num barco para o Brasil. No último momento resolve ficar e o barco parte sem ele. Mas a hipótese da emigração como solução para a vida difícil e as condições de trabalho que nunca eram suficientes para sair da pobreza, estava presente nos dilemas de Alfredo Reinegro. Tentar a sorte nas Américas uma vez que em Lisboa, nem a República, nem o seu esforço eram suficientes para garantir à família uma vida digna ou sequer a sobrevivência diária. As vagas de emigração deste início do século não seriam tão diferentes nas suas motivações profundas daquelas que vieram depois: para a França e Suíça, para a Alemanha e Canadá, para as colónias africanas onde a cor da pele era só por si uma vantagem e condição de mobilidade social ascendente.

A cidade presente em *Os Reinegros* era a dos bairros populares, «históricos» diríamos hoje.

¹¹ António Barreto e Maria Filomena Mónica, *Retrato da Lisboa Popular-1900*, Lisboa, Presença, 1982, p. 17-18

Alfama e Mouraria, o Bairro Alto e a Madragoa, a Praça das Flores junto a São Bento, onde a família protagonista morava, o Largo do Chafariz de Dentro e o Cais do Sodré, Xabregas e Alcântara, o Beato e o Poço do Bispo. E a grade dos pesadelos de Júlia, que dividia o bairro e limitava o espaço vazio deixado nos socacos da cidade construída em colinas, usada para os sinais de namoros e as promessas contidas num olhar, ao mesmo tempo que tinha a sinistra utilização para os suicídios de quem desistia da vida. No porto estava grande parte da vida produtiva de Lisboa e era simultaneamente interface de contacto com o mundo através dos barcos que ali atracavam, dos produtos que se descarregavam e das lutas que também ali se travaram. Foi no porto que o protagonista desta história ganhou consciência política da sua condição de classe e fez dessa consciência instrumento de solidariedade e de organização. Em circunstâncias onde a organização dos trabalhadores era fortemente reprimida, mas com tão pouco a perder, a greve foi uma arma utilizada a par com a necessidade de ajuda mútua onde o Estado não existia. Na alfabetização dos filhos, no auxílio à doença, nas situações de desemprego ou nos funerais, o movimento mutualista, antecessor do moderno sindicalismo, foi esse sinal da capacidade de organização da classe que nada tem para além da sua força de trabalho e que permitiu em muitas situações a sua persistente luta sempre por melhores condições de vida.

Os anos desta história são coincidentes com o ascenso importante do movimento operário e das suas formas de organização. Movimentos grevistas entre 1909 e 1912 fazem parte dessa história de combatividade, reanimada a partir de 1910 e que contava já, um ano depois da instauração da República, com 356 sindicatos dos quais a Casa Sindical do romance de Redol é exemplo de um dos espaços de autorganização destas associações de classe. É em 1909 que se realiza o primeiro Congresso Sindicalista¹² bem sucedido, a União Operária Nacional é fundada em 1914 e a Confederação Geral do Trabalho em 1919, entre outubro de 1910 e outubro de 1911 existiram mais de 250 greves fora do controlo socialista e apesar da hegemonia política republicana que as contrariava¹³.

Os Reineiros termina com a morte de Alfredo a defender a República da tentativa de restauração monárquica que tomou posições em Monsanto em 1919. O regime republicano que tanto o iludiu para o desiludir depois, que apesar das promessas nunca mudou substancialmente a

¹² As teses aprovadas neste Congresso referiam: «O operariado em face ao capitalismo tem, para alcançar a sua emancipação e obter a realização do seu ideal: 1) de melhorar desde já e sucessivamente, cada vez mais, as suas condições materiais adquirindo o bem-estar a que tem direito; 2) De educar-se, de solidarizar-se e de exercer uma ação comum contra a exploração de que é vítima; 3) de lutar diretamente, sem interpostas pessoas, quer no campo profissional, quer no campo de classe» (Ramiro da Costa, 1979, 89).

¹³ Ramiro da Costa, *Elementos para a História do Movimento Operário em Portugal – 1820 – 1975*, 1º vol. Lisboa, 1979, Assírio e Alvim, p. 88-90

vida da sua família e da classe a que pertencia, foi mesmo assim capaz de o fazer pegar em armas para a sua defesa. Redol que conhecia o que veio a seguir a essa República inicial, coloca o protagonista desta história, sem hesitações, a sacrificar-se em nome de um futuro que mesmo nos tempos de intensa crise social e económica dos anos da Guerra Mundial e da outra pandemia que foi a Pneumónica, não deixou nunca de se afirmar. Nessa afirmação das possibilidades de futuro estava o mundo dos e das trabalhadoras de então, do povo de Lisboa que vinha de todas as geografias, do trabalho duro e mal pago nos portos, nos barcos, nos armazéns e nos andaimes, nas casas burguesas e nas oficinas, nos tanques públicos de roupa, nos barcos para as Américas que levaram os sonhos de tantos e deixavam desolado o país. Nas possibilidades em aberto pelo conflito entre republicanos e monárquicos, também dentro do campo republicano, estava o conflito de classes, um conflito larvar, subterrâneo e presente na cidade que era o seu espaço de encontro e tornava demasiado visíveis as suas fraturas insanáveis.

Nesse futuro que Alfredo morreu a defender, estava também a esperança do escritor para o momento em que escreveu e onde o tempo podia ter acelerado a história e com ela o fim do regime de Salazar. Redol já não assistiu a esse fim que resistiu bem além de 1945, mesmo que o final da Segunda Guerra Mundial o fizesse prever. Mas terá sido sensível ao despertar da consciência da classe trabalhadora sobre a qual escreveu sempre e que nunca terá deixado de exigir dignidade e justiça, liberdade e pão, mas também rosas. Foi certamente um escritor comprometido e atento ao mundo que o rodeava, intérprete da classe que conheceu profundamente e que soube situar no tempo e projetar no futuro. O tempo deste romance não se esgota no anos curtos do final da monarquia e do início da República. Como não se esgota no território português, particularmente em Lisboa, apesar dessa ser a escolha evidente do autor e constituir-se como o cenário da história que nos deixou. Esse tempo que foi o da crise social profunda e da guerra na Europa, da revolução soviética e da sua enorme influência mundial numa classe operária que despertava, da revolução de novembro na Alemanha em 1918/9, do Triénio Bolchevique Andaluz entre 1918 e 1920, das Repúblicas Soviéticas da Hungria, Baviera e Eslováquia em 1918, é exemplo de um surto emancipatório que varria a Europa. Mas também foi o tempo da encenação em Fátima e da tentativa frustrada de greve geral em novembro de 1918, referida brevemente neste texto. Foi ainda o tempo das possibilidades que se abriam nos percursos dos protagonistas do romance. Júlia, primeiro temerosa e pouco disposta a aceitar o envolvimento político do companheiro, acaba por ser mulher-coragem a lutar na rua por comida para os filhos, face aos armazéns com comida açambarcada e as lojas de abastecimento fechadas e vazias:

Desgrenhada, esquecida agora das suas angústias começou a subir a rua; atrás de si, como um regato que engrossasse sempre, toda a gente a seguia em silêncio. O marido caminhava perto dela, orgulhoso da sua decisão, e as burguesinhas vinham espreitar por entre os vidros, arrepiadas com aquelas mulheres que nem

pareciam gente como elas. Corriam grupos de todos os lados a juntar-se-lhes – rotos, descalços e famintos que queriam exigir o seu direito à vida¹⁴.

Na exigência do direito à vida, na torrente imparável da multidão faminta e colérica estiveram sempre os sobressaltos da história e sempre que esta garantiu significativas melhorias da condição dos mais pobres e alguma justiça na distribuição da riqueza. Trata-se aqui de um exemplo desse sentido moral aplicado às questões económicas que serviu em tantas latitudes e momentos diferentes para o confronto direto e para a expressão dos direitos mais elementares, para a sobrevivência face aos especuladores e face a quem se apropriava da riqueza produzida.

Aos produtores e às produtoras, às mãos e braços que conquistaram a República e depois a seguraram, ao sangue derramado na sua defesa, a Lisboa mas também ao Porto e a tantas outras vilas e pequenas aldeias onde a fúria popular investiu contra a apropriação criminosa de bens de primeira necessidade, poderia este romance ter sido dedicado. Foi-o certamente.

¹⁴ Alves Redol, *Os Reineiros*, Lisboa, Europa-América, 1986, p. 313